



A ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA: AÇÕES DE OPERACIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA O CONTEXTO EDUCACIONAL

VIEGAS, Elis Regina dos Santos¹ - UFGD

Grupo de Trabalho - Comunicação e Tecnologia
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente estudo teve por objetivo analisar as produções da literatura atual referente ao uso e a operacionalização do espaço da biblioteca como espaço democrático da informação, buscando um olhar sobre os modelos propostos pelos estudiosos da área. Em relação a metodologia, esta aconteceu por meio de uma revisão bibliográfica, que trata da gestão nos espaços das bibliotecas públicas ou privadas, apresentando uma visão administrativa do serviço oferecido neste espaço. Compreendendo que o profissional que atua na biblioteca exerce a função de administrador de um ambiente que se caracteriza como meio de divulgação e acesso ao conhecimento. Este trabalho apresenta reflexões, procedimentos e instrumentos de organização que, podem servir como contribuição para resultados positivos nos serviços oferecidos pela biblioteca e pelo profissional que nela atua. A escolha deste tema se justifica pela necessidade de se conhecer mais aprofundadamente as questões que envolvem este espaço de acesso a informação, uma vez que atualmente a exigência de conhecimentos cada vez mais profundos dos mais variados temas, que visam ampliar o debate em torno de um serviço público de organização do conhecimento muito mais eficiente. Esse processo contribuiu para o fortalecimento de abordagens teórico-metodológicas baseadas no acesso à informação. A partir dos aspectos teóricos do tema, é possível afirmar que o acesso à informação não se opõe ao armazenamento da informação, mas sim se completam. A questão da preservação dos materiais impressos é outro aspecto que deve ser considerado. Acervos devem permanecer para as gerações futuras e, por isso, devem se desenvolver políticas públicas direcionadas às bibliotecas.

Palavras-chave: Biblioteca. Organização. Informação.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Mestranda em Educação pela Faculdade de Educação (FAED/UFGD) da linha Políticas e Gestão da Educação. E-mail: proelisregina@hotmail.com

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar o conhecimento a partir de um levantamento bibliográfico dos conceitos e modelos de organização e gestão da biblioteca escolar. De forma, que profissionais que pretendam atuar nesta área sejam capazes de compreender este espaço dinâmico de informação, e possam atuar no processo de gestão de bibliotecas públicas ou privadas, contribuindo para a promoção e democratização do conhecimento. Este trabalho se justifica, pelo entendimento de que uma sociedade onde a informação e o conhecimento acontecem de forma, cada vez mais dinâmica e rápida, a biblioteca ocupa um lugar expressivo no que se refere aos seus procedimentos, aspectos e aplicação de instrumentos de gestão. Quanto ao contexto, são necessárias algumas reflexões sob as dimensões históricas, científicas, técnicas e tecnológicas da constituição da biblioteca.

O surgimento das bibliotecas públicas se relaciona com as aspirações de uma época em que a sociedade estava comprometida com o desenvolvimento da democracia no mundo. Dessa forma, fortaleceu-se a tendência da prestação de serviços bibliotecários para comunidade, em particular a partir do século XIX. Na atualidade, essa tendência traduz-se em ações voltadas para a competência informacional e a questão do acesso à informação está completamente associada às questões educacionais e culturais das sociedades. Já no século XX a discussão transformou-se no fenômeno conhecido como explosão informacional pressionando todas as teorias e práticas da Biblioteconomia, especialmente quanto à organização e administração de bibliotecas (PINHEIRO, 2007).

Esse processo contribuiu para o fortalecimento de abordagens teórico-metodológicas baseadas no acesso à informação em detrimento do armazenamento. O advento da internet legitimou essas abordagens devido a sua potencialidade de universalizar o acesso à informação. No entanto, a partir dos aspectos técnicos da questão, é possível afirmar que o acesso à informação não se opõe ao armazenamento da informação, mas sim se completam. A questão da preservação dos materiais impressos é outro aspecto que deve ser considerado. Acervos devem permanecer para as gerações futuras e, por isso, políticas social das bibliotecas.

É possível, otimizar por meio de uma administração eficiente os recursos financeiros, materiais e humanos e repensar espaços de convivência em biblioteca como defende Luis Milanesi citado por Pinheiro (2007) em “Ordenar para desordenar”. Abre-se um leque de possibilidades que reforcem ideias de acesso e de preservação e de uma nova perspectiva para

organização e administração de bibliotecas. Nesse sentido, Pinheiro (2007) ainda sugere a adoção do “Sistema de Localização Fixa”, que exige um planejamento dos serviços e produtos da biblioteca, especialmente quanto à representação descritiva e temática dos documentos, amplo conhecimento sobre tipologia, formatos e suportes dos documentos, bem como padrões, critérios e políticas para atribuição de gestão mais eficiente neste espaço de acesso a informação.

Metodologia

Como o próprio título do estudo sugere “A Organização da Biblioteca: ações de operacionalização do espaço para o contexto educacional” desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica do presente tema, utilizando como procedimento de estudo a revisão do referencial teórico da área, amparando-se nos autores Gonsalves (2009) e Severino (2002), a partir dos seus respectivos trabalhos “Iniciação a Pesquisa Científica” e “Metodologia do Trabalho Científico”.

Considerando estes dois referenciais, parte-se do pressuposto que a pesquisa bibliográfica é muito próxima da pesquisa documental. O elemento diferenciador está na natureza das fontes. Enquanto que segundo Gonsalves (2009) a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre um determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica se identifica pela análise dos dados escritos em livros, artigos de revistas, dentre outros. Sua finalidade é colocar o investigador em contato com o que já se produziu a respeito do seu tema de pesquisa, no caso deste estudo a “Biblioteca Escolar”. Este tipo de pesquisa permite que pesquisador se depare com dois tipos de dados: aqueles que são encontrados em fontes referência (dados governamentais, econômicos, históricos etc.) e aqueles dados especializados em cada área do saber, indispensáveis para o desenvolvimento do estudo.

Severino (2002) sugere que se faça dentro da pesquisa bibliográfica o fichário de documentação bibliográfica que constitui um acervo de informações sobre livros, artigos e demais trabalhos que existem sobre determinados assuntos, dentro de uma área do saber. Sistemáticamente feito, proporciona ao estudante ricas informações para seus estudos. Este

recurso deve ser realizado paulatinamente, à medida que o estudante toma contato com os textos ou com os informes sobre os mesmos.

Neste sentido, considera-se este recurso organizacional de fichamento imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa aqui pretendida, pois se acredita que o trabalho só poderá ser desenvolvido, e posteriormente concluído seguindo uma sistemática de estudos e registros, conforme sugerido pelos autores.

Algumas constatações sobre o histórico da temática

A ordem dos livros na biblioteca envolve procedimentos inerentes à formação, organização e desenvolvimento de coleções, e nem sempre é tratada sob ótica científica, na medida em que aqueles procedimentos estão fundamentados em práticas consagradas pelo uso, do tipo “sempre se fez assim” e “é assim que tem de ser” e, genericamente, são abordadas como simples técnica para “disposição dos livros nas prateleiras” (PRADO, 1992).

A ordenação é, na verdade, um recurso da Organização do Conhecimento para acesso à informação. Embora a Organização do Conhecimento e o acesso à informação, sob o escudo da Sociedade da Informação, sejam objeto do interesse e do discurso social, a ordenação continua a ser negligenciada.

Ao longo dos últimos cinco séculos a biblioteca se consolidou como espaço social para promoção da educação e cultura através de atividades específicas e serviços orientados para uma comunidade ou público alvo. O advento da imprensa no século XV acelerou o processo de democratização do livro, que se desenvolveu desde a dessacralização da produção de manuscritos – o que era um privilégio dos scriptoria monásticos, foi reivindicado e assumido pelas universidades do século XII (LABARRE, 1981). Essa mudança contribuiu para um deslocamento conceitual da biblioteca, até então, um repositório de registros do conhecimento, de acesso restrito, aos “iniciados” para condição de espaço de acesso, pesquisa e produção do conhecimento. As bibliotecas ainda reproduzem esse modelo, através de sua formação e organização. Com a evolução de teorias associadas ao seu tamanho, a biblioteca adquiriu o perfil que hoje, define aquele modelo como função. Dentre essas várias teorias destaca-se:

- a) A teoria da biblioteca enciclopédica, aberta e universal que vigorou a partir de Alexandria, fundamentada na capacidade, na biblioteca, de armazenar todos os registros do conhecimento produzidos pelo homem (OTLET, 1934);

- b) A teoria da biblioteca infinita, delineada para não ter fim, como a Biblioteca Vaticana, organizada pelo papa Nicolau V, ou a biblioteca babélica, idealizada por Jorge Luis Borges (BORGES, 1995; PINHEIRO, 2006);
- c) As leis da Biblioteconomia, formuladas por Ranganathan, que preconizam “princípios normativos, cânones, técnicas, práticas [...], essenciais para a organização de bibliotecas e serviços, segundo linhas científicas” (MANGLA, 1984 apud FIGUEIREDO, 1992, p.186), embora favoreçam uma interpretação prática, como leis “orientadas para o serviço” (PALMER, 1969; GARFIELD, 1985 apud FIGUEIREDO, 1992);
- d) A teoria do crescimento exponencial do acervo versus o crescimento aritmético do uso apontado por (1944) citado por Pinheiro (2007), que confronta a falta de espaço para armazenamento com a crescente demanda de pesquisa e consulta (LEMOS, 1996);
- e) A teoria do “caos documentário”, que conclui que se há efetivo crescimento periódico do acervo, pela incorporação de outras coleções, os bibliotecários não dispõem das condições necessárias para mantê-lo organizado no mesmo ritmo em que cresce. Segundo esta teoria, no início da década de 1960, menos da metade dos documentos úteis disponíveis em bibliotecas estavam indexadas conforme apontado por Bradford (apud Pinheiro, 2007);
- f) A teoria do desenvolvimento de coleções, fundamentada, a partir do século XIV, na ideia de colecionismo, pelo amor do livro (BURY, 2004) e, hoje definida por políticas que envolvem a formação e o desenvolvimento de coleções, propriamente dito (VERGUEIRO, 1995);
- g) A teoria da organização do conhecimento, tendo como paradigma a “galáxia de Gutenberg”, alicerçada no livro e na biblioteca discutida por Audin em 1972 (apud CHARTIER, 1997) e complementada pela teoria do livro como monumento discutida por Roche (apud CHARTIER, 1995), à luz da sociedade da informação (informação disseminada) e da sociedade de leitores (a garantia de acesso).

Estas teorias reforçam a concepção gutenberguiana da biblioteca, orientadas para captação, difusão e acesso ao conhecimento registrado em suporte material. O acesso e as ações decorrentes remetem a sensibilidade do suporte; isto é, a informação deveria estar ao alcance, desde que localizada fisicamente em uma biblioteca.

A busca por modelos não se configura como renovação, mas como inovação, pois busca na memória dos estudos científicos, padrões e procedimentos que mantiveram vivas as bibliotecas que alcançaram o século XXI.

Localização e Acesso

No mundo digital o acesso à informação deve, necessariamente, tratar da identificação (descrição física e temática disponíveis em ferramenta de busca), localização física (links das URLs) e texto completo (páginas contendo os documentos eletrônicos). Este é o modelo que está transformando e ampliando o conceito de biblioteca da atualidade. Uma biblioteca digital, por exemplo, oferece coleções eletrônicas aos leitores remotos e assistência on-line por bibliotecários especializados. Além disso, já é possível conceber uma biblioteca virtual na qual os leitores podem passear entre as estantes sem sair do lugar.

Porém, o sentido de biblioteca que ainda vigora é aquele que aplica o formato do livro (concepção gutenberguiana), que requer não só sua descrição, como também, a sua localização no espaço, como garantias de acesso.

Toda biblioteca, por menor que seja e segundo condições determinadas, é “uma representação sintética do conhecimento” (GRAESEL apud PINHEIRO, 2007). Há, que estabelecer a harmonia entre os sistemas de organização e a organização da ciência, ou seja, acordar o sistema bibliográfico com o sistema científico. Para isto, o sistema bibliográfico deve, em geral, seguir um sistema mais rígido, não somente para distribuição de livros nas diferentes classes, mas também por tudo o que se refere as subdivisões dessas classes. Entretanto, a classificação detalhada e, especialmente, a ordenação dos livros em suas respectivas seções dependerá exclusivamente do sistema bibliográfico.

Pinheiro (2007) assinala que o sistema bibliográfico, de fato, releva as necessidades impostas pelos próprios livros. Há um momento em que, para ser localizado e recuperado, o item precisa de um “endereço”, de um esquema de localização e de uma estrutura de pronta recuperação. Cabe ao bibliotecário, então, ocupar-se de por os livros em seus lugares. Esta questão, a despeito de sua simplicidade, apresenta certas dificuldades.

A autora ainda esclarece que essa ideia, de que a importância não estava nos modos de organização, mas na certeza de localização, recuperação e acesso. Levada a extremos, essa visão do século XIX ganhou no século XX uma nova interpretação: a valorização do conceito de recuperação da informação, alicerçada em catálogos “perfeitos” e exaustivos, segundo

estruturas sistêmicas e normativas. Respectivamente, a ordem dos livros nas estantes foi desconsiderada como sistema (entendeu-se que bastava aplicar, como recurso de localização material o mesmo mapa de organização do conhecimento utilizado em catálogo). Vigorava, então a certeza de que a indicação do “ter” (citação em catálogo) implicava a garantia do “localizar” (arranjo da biblioteca).

Na sequência das etapas de processamento, atribuir “localização” passou a constituir atividade administrativa, metódica, de tal modo que “não encontrar” nas estantes um livro descrito no catálogo é, ainda hoje, situação bastante tolerável, surpreendentemente justificável (estar fora do lugar) em bibliotecas de todos os portes.

Organização de itens

Tradicionalmente, a ordem dos livros na biblioteca deve pressupor a coerência de raciocínio e favorecer sua memorização. A ordenação lógica nas estantes constituía uma das recomendações de Gabriel Naudé (1627) (apud PINHEIRO, 2007), em seu tratado sobre organização de uma biblioteca. Esse preceito evoluiu em três sistemas de ordenação de livros em estantes: ordem de entrada; ordem alfabética de autores; e ordem sistemática.

O sistema de ordenação considerado mais simples era pela ordem de entrada na biblioteca, expressa cronologicamente, considerando ou não a distribuição dos livros por tamanho. A ordem cronológica, embora tenha alcançado certa popularidade até o primeiro quarto do século XX, era criticada sob a justificativa de que o tipo de notação gerada poderia atingir cifras consideráveis, além de ser apontada como não científica.

A ordenação cronológica é, hoje, amplamente utilizada por sistemas de informação eletrônicos, que numeram sequencialmente cada entrada no sistema (número de controle), com a finalidade específica de recuperar dados do processo gerencial. Nesse contexto, a “não científica” cronologia obtém nível de praticabilidade e objetividade inquestionáveis.

A ordem de itens por tamanho, que atribui ao arranjo da coleção uma organização simétrica, independentemente do conteúdo de cada item do acervo (CONSTANTIN apud PINHEIRO, 2007), é o mais antigo sistema de organização de bibliotecas, que remonta às bibliotecas claustrais, denominado Sistema de Localização Fixa, posto que implica a atribuição de notação que fixa o item em local determinado. Este sistema, encarado como estético, posto que gerava uma biblioteca visualmente organizada, foi abertamente criticado

porque, entendia-se, não apresentava qualquer praticidade em circunstâncias de acesso livre e não era recomendável para bibliotecas de médio e grande porte (FERRAZ, 1972).

O sistema era considerado, também, como aquele que mais facilidades de controle oferecia ao bibliotecário e mais prejudicial para o leitor, pelo tempo de busca que exigia, em consequência das dificuldades que impunha (PINHEIRO, 2007), como a separação de volumes de uma mesma obra. Curiosamente, o Sistema de Localização Fixa é utilizado por bibliotecas nacionais e outras de grande porte, que se identificam com o compromisso da memória bibliográfica, como os gabinetes de leitura e as bibliotecas monásticas.

A ordenação alfabética foi outro sistema bastante adotado em bibliotecas. Os itens eram arranjados segundo os nomes de autores ou títulos. Este sistema foi considerado defeituoso e superficial, por não representar a importância das obras e, especialmente, por condicionar sua recuperação à capacidade de memorização do usuário, quanto à grafia e a atribuição correta de nomes e títulos.

A ordenação alfabética é, hoje, amplamente utilizada em conjuntos pré-classificados por grandes assuntos, como ocorrem em livrarias, núcleos literários em bibliotecas científicas e bibliotecas escolares.

Pinheiro também assinala que a ordem sistemática, em termos de volume de uso, suplantou os demais sistemas de ordenação, a partir de meados do século XX. Denominado Sistema de Localização Relativa, fez repetir na estante as notações atribuídas em catálogo, consagrando o assunto como fator preponderante na sucessão dos itens. A biblioteca passou a ter arranjo sistemático, quando os itens de uma ciência foram reunidos em um lugar comum, dentro de uma ordem precisa, segundo princípios científicos rigorosos e uniformes. Nessas circunstâncias, o novo método foi considerado o mais natural, lógico, útil e funcional em bibliotecas de acesso livre, tanto que se preservou na maioria absoluta de bibliotecas.

Uma das questões apontadas como de maior gravidade, nos sistemas de ordenação, era a dificuldade de intercalação de itens. Essa dificuldade foi superada no final do século XVII, com o advento das prateleiras contínuas em estantes paralelas, em substituição aos armários, gerando espaços e favorecendo o remanejamento de itens. As estantes paralelas, com penetrais (espaços de circulação entre as faces de estantes) mínimos e suficientes, favoreciam o acesso livre aos itens e o manuseio constante do acervo.

A escolha por este ou aqueles sistema de localização acabou por ser definida em função do tamanho da biblioteca, de suas perspectivas de crescimento, do nível de sua organização e da natureza do acervo.

No âmbito da organização de bibliotecas, a numeração dos itens pode revelar diversas metodologias e rotinas, nem sempre compatíveis entre si. Importa, no entanto, examinar, independentemente da antiguidade do sistema, os princípios sob os quais foi fundado, avaliando suas qualidades e, principalmente, sua capacidade de suportar mudanças, melhoramentos e aperfeiçoamentos necessários.

Biblioteca e sua função

A partir das leituras de fundamentação teórica desenvolvidas neste estudo, verificou-se como a estrutura e a administração da biblioteca foram, gradativamente sendo pensada e modificada, com o intuito de aperfeiçoamento dos métodos empregados nos espaços das bibliotecas, com objetivo de democratizar e aperfeiçoar os recursos deste ambiente de informação. Neste sentido, busca-se no item de discussão, um olhar mais específico para realidade na qual se vivencia no cotidiano, neste caso, a biblioteca e a escola.

A convivência organizacional entre a biblioteca e a escola, como espaço prático e funcional, ainda não é uma realidade materializada em nosso país. Embora exista biblioteca em parte de nossas escolas, esse ambiente ainda vive em segundo plano, considerando este como espaço de recursos essenciais dentro do fazer pedagógico das escolas (SILVA e BORTOLIN, 2006).

A biblioteca deve dar suporte à formação daqueles que a procuram, estimular a leitura e a pesquisa, pois este local é parte integral do processo educativo, conforme aponta o Manifesto da Unesco/IFLA (MACEDO, 2005, p. 173). Este mesmo autor informa que, na biblioteca existem informações de todas as áreas do conhecimento. Cada livro se bem organizado, de forma prática e inteligente, permite uma melhor exploração de seu potencial de informação. Por isso, o contato do aluno com o livro deve ser estimulado de todas as maneiras possíveis. Para tanto, deve-se procura gerenciar este espaço de interação com o conhecimento, de forma, que este possa colaborar de fato com a unidade escolar em que se encontra.

Macedo (2005) assinala que a biblioteca da escola deve estar organizada de modo que proporcione aos alunos e aos demais membros da comunidade escolar a busca pelo conhecimento. Além disso, ela coopera com as ações da escola, pois fornece aos estudantes

espaço para pesquisa e estudos nos momentos de aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário estabelecer uma ação organizacional entre biblioteca e escola, entre biblioteca e seu acervo.

Se a biblioteca da escola estiver bem estruturada, tanto física quanto pedagogicamente, servirá a comunidade escolar como um todo: alunos, professores e pais. No caso dos alunos, (BARÓ; MAÑA; VELLOSILO, 2001, p.16-17) uma biblioteca bem organizada proporcionará:

Encontrar seu ritmo e buscar na biblioteca os materiais que mais lhes interessam; permitir que ampliem as explicações da sala de aula, de acordo com seus interesses; ensinar a trabalhar com documentos muito diferentes e em todos os suportes; preparar os alunos para utilizar outras bibliotecas; preparar para o uso de novas tecnologias; compreender o mundo; despertar o gosto pela leitura.

Os mesmos autores afirmam que para comunidade escolar, a biblioteca organizada, de uma maneira, mais dinâmica contribuirá:

Para construir o projeto educativo e facilitador aos professores a preparação de materiais docentes;
Para formação continuada de professores;
Para aproveitar melhor os recursos da escola e compartilhá-los;
Para manter-se informada cotidianamente;
Para ter acesso mais facilmente a outras bibliotecas, no caso de um sistema interligado em rede. (p. 16-17).

As possibilidades de conhecimento que a biblioteca proporcionará à comunidade escolar são inestimáveis, entretanto, Silva (2009) aponta que é preciso que ela esteja integrada ao um programa de gerenciamento de espaços e acervos, capaz de verificar, propor e potencializar os pontos positivos do ambiente escolar, se colocando na pauta das discussões que dizem respeito ao andamento pedagógico da instituição.

O bibliotecário ou profissional que atua neste local deve participar ativamente das discussões gerais, do planejamento anual previsto pela escola, ou seja apresentar e discutir o seu plano de trabalho em relação à escola, de modo que a biblioteca esteja inserida integralmente no cotidiano escolar. (SILVA, 2009, p. 61).

Bajard (2002) considera que a maximização dos recursos da biblioteca supõe que cada atividade seja identificada a partir de suas características próprias e encontre o seu local apropriado. O autor entende que a busca da informação remete ao uso da própria biblioteca, único lugar, que contém (deveria conter como visualização ideal) acervo rico, diversificado e amplo. A divisão das atividades depende, da própria análise do cotidiano escolar, das peculiaridades de tarefas e espaços disponíveis em cada escola, porém também dos projetos

planejados e administrados do profissionais que atuam no espaço da biblioteca e do coletivo da instituição escolar. O que significa que cada estabelecimento pode, gerenciar (organizar, implementar, avaliar e reorientar as atividades e recursos) de maneira particular os seus espaços.

Organização do espaço da biblioteca

Rovilson José da Silva em seu trabalho intitulado “A volta às aulas e a biblioteca escolar” assinala que o descaso com as bibliotecas não é incomum em nosso país, pois parte das escolas não possui biblioteca, contudo, as que possuem, não a exploram como deveriam, usam-na apenas como depósitos de livros, sem uma organização pedagógica, sem integra-lo ao projeto educativo da escola. Existe ainda aquela parte que funciona no improviso, por ação de um ou outro funcionário sem, no entanto, fazer parte do projeto educativo da escola.

Nesse contexto, o autor acrescenta que não se pode esquecer que dificilmente encontra-se nas escolas públicas brasileiras uma biblioteca que possua espaço, mobiliário e acervo adequados, além do profissional bibliotecário habilitado para realizar o trabalho. Em geral, as bibliotecas escolares brasileiras dispostas em espaços que não oferecem segurança e conforto para receber pelo menos uma turma de alunos, pois o ambiente é pequeno, o mobiliário está incompleto, sendo composto pelas sobras de outras salas da escola. Além disso, a iluminação não é boa e a ventilação revela-se precária, uma vez que tudo foi improvisado desde o começo, sem planejamento para criação de um espaço adequado. Por isso, é necessário que se estabeleçam parâmetros mínimos para estruturar das bibliotecas.

Considerações Finais

Dentre os impactos impostos ao contexto informacional pela implementação de tecnologias em bibliotecas, a administração deste espaço tem merecido especial atenção. O crescimento contínuo e rápido dos cervos, notadamente, por incorporação de novos recursos materiais; os problemas cada vez mais constantes, que afetam a qualidade do serviço oferecido, como os meios de acesso. Trazem para pauta de discussões os usos dos sistemas administrativos das bibliotecas, como forma de manutenção e transformação dos acervos, como solução relevante de preservação destes ambientes.

A preservação constitui a base dos problemas mais urgentes em bibliotecas, associada à falta de recursos financeiros imediatos. Nessas circunstâncias, as ações que envolvem a atribuição, o uso e o gerenciamento de sistema de biblioteca constituem ações relevantes de conservação, mecanismos vantajosos para o desenvolvimento e a longevidade do acervo.

O resgate das funções da biblioteca, tais como aquelas afins ao modelo gutenberguiano, onde o livro mantém seu significado como registro do conhecimento, ampliaram o sentido e reconheceram a importância dos sistemas de organização nas bibliotecas.

A opção por qualquer sistema a adotar, certamente delineará uma política bibliotecária que contemple a formação e o desenvolvimento coleções, associadas a preservação, manutenção dos espaços e possibilidades de melhorias físicas e estruturais.

REFERÊNCIAS

- BARÓ, M.; MAÑA, T; VELLOSILO, I. **Bibliotecas escolares, para quê?** Madrid: Anaya, 2001.
- BORGES, J. L. **A biblioteca de Babel**. In: Ficções. Tradução Carlos Nejar. 6.ed. São Paulo: Globo, 1995.
- BURY, R. de. **Philobiblion, ou o amigo dos livros**. Tradução de Marcelo Cid. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Tradução Leonor Graça. Lisboa: Veja: passagens, 1995.
- _____. **O livro: uma mudança de perspectiva**. Tradução de Terezinha Marinho. Rev. técnica de Gabriel Perruci. 4. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1997.
- FERRAZ, W. **A Biblioteca**. 6.ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos; Brasília, DF: Instituto Nacional do Livro, 1972.
- FIGUEIREDO, N. M. de. **A modernidade das cinco leis Ranganathan**. Ciência da Informação, Brasília, DF, v.21, n.3, p.186-191, set./dez.1992.
- GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.
- LABARRE, A. **História do livro**. São Paulo: Cultrix, 1981
- LE MOS, C. **Redes para inovação** – estudo de caso de rede regional no Brasil, Tese de mestrado. Rio de Janeiro, Programa de Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ, 1996.

MACEDO, N. D. de (org.). **Biblioteca escolar brasileiro em debate: da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: SENAC, 2005.

OTLET, P. **Traité de documentation**: le livre sur le livre: théorie et pratique. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PALMER, E. R. **Hermenêutica**. Tradução: Maria Luiza Ribeiro Ferreira. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1969.

PINHEIRO, A. V. **A biblioteca de bibliotecários imperfeitos**. Revista do Livro, Rio de Janeiro, ano 15, n.47, p.121-123, Nov. 2007.

PRADO, H. A. **Organização e administração de bibliotecas**. 2 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1992.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, R. J. da. **A ambientação da biblioteca escolar**. Marília: Universidade estadual paulista, 2009.

SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006.

VERGUEIRO, W. C. S. **Seleção de materiais de informação**: princípios e técnicas. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1995.